

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro lechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

11 de Outubro de 1997 • Ano LIV - N.º 1398
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (065) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Uma carta

«COM votos de Boas-Festas para toda a comunidade dessa «Oficina de Homens» que é a Casa do Gaiato, envio esta pequena importância para a minha assinatura de O GAIIATO.

De mim, de minha esposa e filhos aceitem votos de boa ceia de Natal e um virar de ano muito feliz no seio desses que amanhã serão o garante da continuação da Obra desenhada pelo Padre Américo.

Sou agente da Polícia, trabalho em sector onde diariamente me confronto com a miséria criada pelo homem e com a burocracia que a alimenta.

A minha prece, todas as manhãs ao acordar, é rogar ao Senhor que não deixe os meus dois filhos cair em tais malhas.

Somente quem vive e lida com estes problemas (droga, filhos abandonados e pais em conflito) é que está abalizado para falar deles e não aqueles que, para engrandecimento pessoal e material, através de programas pomposos, entram em nossas casas através dos meios audiovisuais.

Um Novo Ano com mais claridade no coração dos homens.»

Esta carta anda comigo desde o Natal passado e, infelizmente, nada perdeu da sua actualidade. O «Novo Ano» (o presente) parece não ter trazido «mais claridade ao coração dos homens» — voto universal formulado por quem a escreveu.

A sensibilidade deste homem impressionou-me e reforça-me a convicção de quanto era preciso que, em áreas onde pululam tantas misérias, quem é chamado a tratá-las, mergulhasse e não apenas se debruçasse sobre elas. A compaixão é a única fonte de dinamismo autêntico: «Somente quem vive e lida com estes problemas está abalizado para falar deles...» Vive e lida com estes problemas... e sofre-os na sua pele, a ponto de «rogar ao Senhor, todas as manhãs, que não deixe os meus filhos cair em tais malhas».

Mas não. Quem mais fala deles são os teorizantes. E quem tem o poder de resolvê-los — ou de enovelá-los ainda mais... — são aqueles a quem os problemas chegam em papel escrito, engrossando processos que se anotoam interminavelmente. Nunca esquecerei o gesto impaciente de um Juiz de Menores acabado de empossar, apontando o monte de processos a aguardar despacho que enchem o gabinete.

Continua na página 4



As dez casas estão a ficar prontas.

Património dos Pobres

Mais habitações

As dez casas estão a ficar acabadas e serão habitadas a seguir. É uma solução esperada ansiosamente já há muito tempo. O velho edifício da Ordem Terceira ficará todo restaurado. As habitações familiares ficarão no rés-do-chão. O primeiro andar será ocupado pelo Abrigo Padre Américo, com cerca de quarenta camas. As suas vinte e poucas têm estado sempre ocupadas e há muitos a bater à porta e a

ficar de fora. Daqui a urgência que sentimos.

O Abrigo tem recebido gente de todos os padrões sociais: mães solteiras, prostitutas, drogados, com doenças graves e ocultas, abandonados. Todos ali são bem recebidos e bem tratados. Todos saem de lá com aspiração a uma vida melhor e muitos teimam em continuar ali. É um Abrigo.

Têm-se aí revelado casos de mistério que nos mostram um pouco da vida de

cada um. De todos os segredos só Deus sabe. Nós ficamos sempre aquém.

O caso mais impressionante que ali se viveu: a doença dum jovem, aí acolhido, apanhado pela sida. A mãe, quando soube do mal, mandou fazer uma barraca e meteu o filho lá dentro. Passado pouco tempo pô-lo fora dela e abandonou-o. Foi então para o Abrigo, aí tratado e acarinhado até ao fim da vida. A sua morte e funeral impressionaram

bem, a todos. Demos graças a Deus e a todos os que se incomodaram por este bem que temos.

Esperamos que, dentro de pouco tempo, as habitações sejam ocupadas quase todas por famílias pobres que ali viviam, ansiosas por ocupar, de novo, «as nossas casinhas». Em todo este tempo foram alojadas em diversas situações. Antevemos a festa que vai ser.

Padre Horácio



Festa na Casa do Gaiato de Malanje.

Malanje

SONHAR é bom quando o sonho, nas asas da brisa, transporta o amor!

Foi assim com algumas Irmãs que, mesmo no meio de tiros, lançaram sementes no chão batido das palhotas dos bairros. Agora, assistem os Pic's — postos de alimentação, escola e formação. Estas crianças recordarão sempre os sorrisos carinhosos das Irmãs. Em muitas delas germinará a semente da fé.

Mais do que as palavras: o atendimento, a paciência e o carinho. Dar tudo como uma mãe que se despoja! Somente assim, a verdadeira Igreja; quando não, é mortalha bafienta.

A maioria dos baptizados carrega esta mortalha: fé vacilante e sem obras. Também muito clero e tantas irmãs, preocupados com as nossas «obrazinhas», não levamos nas asas do sonho as sementes da Fé e da Esperança.

O rosto fraterno de Deus no semblante sereno e doce da D. Arminda! Malanjina, com os filhos já casados, ela deu a sua

casa e o recinto do quintal para acolhimento de seiscentas crianças que ali tomaram o leite e comeram a papa de soja no tempo da fome.

Mais: ela própria ajudou uma Irmã no atendimento e na cozinha.

HOJE, 15/9/97, despediu-se de nós a Irmã Amélia das Filhas de S. José. Foi para o Lubango fundar uma nova casa da sua Congregação.

Passou por Malanje, fazendo o bem! A sua acção nos Bairros da Carreira e do Campo foi extraordinária. Ali andou, sempre a pé!, no tempo da guerra, matando a fome ao povo e tratando os doentes e as crianças.

Uma Luz discreta que passou!

As autoridades não viram...

A Igreja tinha obrigação de pegar nessa Luz e de a colocar no cimo do monte para que todos a vissem e se edificassem.

A festa de despedida seria a festa da Luz!

Padre Telmo

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ANALFABETISMO — Houve uma época, um tanto longínqua, em que o analfabetismo era uma praga. Com os ventos de mudança ou de modernidade, os responsáveis oficiais procuraram lançar campanhas de alfabetização.

Nos dados de 1991, publicados recentemente pelo Ministério da Educação, havia 12,05% de iletrados com mais de 15 anos, nas populações do Continente e das Regiões Autónomas.

Este problema continua, em vários aspectos, com menores dimensões. No reino dos Pobres ainda somos abordados por gente idosa para o preenchimento de simples papelada burocrática, correspondência, etc. Em casos pontuais, também por gente (jovem) com anos de escolaridade...

A Comissão Nacional Justiça e Paz, em nota distribuída no Dia Mundial da Alfabetização, celebrado o mês passado, acentua:

«A realidade do analfabetismo é algo que perdura em Portugal, desfazendo-se assim o mito de que se trataria de um fenómeno passageiro, expressão de um obscurantismo que afectaria apenas as gerações mais velhas e que com elas desapareceria. Vivemos um tempo de paradoxo. A mesma escola que forma elites nos dogmas do sucesso individual como padrão de avaliação das pessoas, é ainda um bem escasso para um largo número de outros, condenando-os à marginalidade e ao insucesso.»

Acrescenta, ainda:

«Empenhar-se no combate ao analfabetismo é contribuir decisivamente para a luta contra a pobreza, pois há uma indissociação das duas condições. O analfabetismo diminui a autonomia dos indivíduos e a vitalidade do corpo social, pelo que urge devolver à escola o seu papel generoso de formação de mentalidades inquietas e de convicções firmes.»

Por fim, lança um apelo aos cristãos, citando um texto do II Concílio do Vaticano:

«Dado que hoje há a possibilidade de libertar muitos da miséria da ignorância, é dever muito próprio do nosso tempo, principalmente para os cristãos, trabalhar energicamente para que, tanto no campo económico como no político, no nacional como no internacional, se tomem as decisões fundamentais em ordem a reconhecer-se e respeitar-se na prática, em toda a parte, o direito de todos à cultura correspondente à dignidade humana.» (G. 8, 60).

PARTILHA — Dez contos, em cheque, da assinante 14708, de Minde, «pequena ajuda para uma necessidade mais urgente — e não é preciso agradecer». Que bem!

Metade, da assinante 66345, de Coimbra, sem mais quê, para aliviar dificuldades dos Pobres.

Assinante 58717, do Porto, põe em ordem as suas contas d'O GAIATO, «que sempre traz até mim, iluminando-me e aquecendo-me o coração, fogueiras de humanidade e caridade». Manda, também, um «pequeno contributo para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, pedindo desculpa pela exiguidade da oferta em relação ao mar de carências de tantos Pobres». Estas são portas do Céu!

Uma viúva que não falha, assinante 14493, da Rua da Boavista — Porto, aqui vai, «com o voto de que as férias vos tenham revigorado para mais uma etapa de trabalhos que começaram, e a habitual contribuição para a Conferência, referente ao mês de Setembro. Deus vos acompanhe sempre». Retribuímos na mesma medida.

Chegaram mais duas ajudas para o «doente com sida». Uma, da assinante 32875 que pede a Deus que a ajude «a superar a cruz que lhe foi imposta». Outra, da assinante 1167, de Braga.

Rua do Campo Alegre — Porto: «Não posso deixar de escrever O GAIATO em letras maiúsculas e com todo o meu respeito, pois tem-me ensinado muito! Desta vez envio uma pequenina partilha para a compra de remédios destinados a um Irmão com doença grave. Desculpem ser tão pouquinho, mas, neste momento, ajudo um filho desempregado. Não precisam de agradecer!» Cumprimos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VINDIMA — Já terminou. As uvas foram poucas! Mas ainda nos deram o direito de fazer vinho para a nossa comunidade.

ESCOLA — Começaram as aulas. Mais um ano de escolaridade. Mais um para aqueles que pretendam ter um futuro melhor. Os estudantes têm que estudar porque o futuro está à nossa espera.

TEMPO — Chegou o Outono. O sol já não é tão quente e a chuva começa a aparecer... Por isso, teremos que nos agasalhar um pouco mais para que não haja gripes ou outras doenças.

SILAGEM — O milho está a ser colhido com máquina adequada e posto nos silos.

Mais tarde será uma ótima alimentação para o gado bovino.

PISCINA — Agora, com a chegada do Outono, terminou o nosso melhor tempo livre. No próximo ano a piscina abrirá mais cedo... para que tomemos banho.

Rui Manuel Silva

FUTEBOL — A 20 de Setembro fomos ao campo do F. C. Canedo jogar com o Café Estoril.

Sofremos um golo nos primeiros minutos. Chegámos ao intervalo empatados.

Na segunda parte o técnico mudou de lugar alguns jogadores e os golos apareceram. Vencemos por 4-1.

No dia seguinte recebemos o Carvalho F. C., jogo muito melhor do que o anterior. Vencemos por 5-1.

Para marcação de jogos é favor escreverem para: Grupo Desportivo da Casa do Gaiato, 4560 Paço de Sousa; telefonarem para o «Albufeira» 055-752285, «Cenoura» 02-570300, ou ligarem para o fax 055-753799.

«Albufeira»

TOJAL

AULAS — Finalmente os nossos estudantes voltaram à rotina normal, às aulas.

Pedimos, uma vez mais, a bênção de Deus para que lhes

RETALHOS DE VIDA

Nuno



Eu sou o Nuno Alexandre Ferreira da Cruz.

Nasci no dia 3 de Maio, na freguesia de S. Jorge de Arroios, concelho de Lisboa, distrito de Lisboa.

Antes de vir para a Casa do Gaiato, vivia com os meus avós e com os meus irmãos.

Tinha uma vida muito triste porque fugia de casa, ia atrás dos comboios e roubava para comer. O meu pai batia na minha mãe porque ela não arranjava dinheiro...

Eu e os meus irmãos víamos os nossos pais muitas vezes drogados. Fumavam a droga. O meu pai morreu com sida e a minha mãe também se andava a tratar.

A assistente social trouxe-me para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde estou.

Na Casa do Gaiato faço pequenos trabalhos e estudo.

Nuno Cruz

dê coragem e força de vontade para enfrentarem um novo ano escolar.

EDITAL — Como é habitual, o novo mapa das obrigações foi exposto aos nossos rapazes.

Esperamos que cada um cumpra a sua obrigação da melhor maneira que puder.

CARAS NOVAS — Em nossa Casa a coisa mais fácil de fazer é encher as camas vazias.

Juntámos à nossa família, com muito gosto, mais seis irmãos: Fábio Manuel, de 8 anos; António Almeida, de 8 anos; Tiago Rodrigues, de 9 anos; Paulo Martins, de 12 anos; Bruno Magalhães, de 5 anos; e o «Batainha» mais novo, Ruben Filipe, de 2 anos.

PEDIDO — Agora, os mais jovens são melhor treinados, uma vez que há dois treinadores. O que falta é equipamento. Se um leitor tiver algum fora de uso, tenha a bondade de no-lo oferecer, e nós, desde já, muito gratos.

CONVÍVIO — Em nossa terra, a 28 de Setembro, foi comemorado o Dia Mundial do Turismo. Começou com um desfile. Depois, uma feira medieval no largo da igreja. Realizou-se também no nosso campo um festival equestre e, por fim, um jantar volante no pavilhão. Foi um dia bem passado, quer para nós quer para todos os que estiveram presentes.

Arnaldo Santos

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Setembro, fim de férias bem merecidas para todos. Não temos dado notícias, já lá vão mais de dois meses. Pedimos desculpa da nossa falta, de não darmos conhecimento dos nossos irmãos mais necessitados. Eles continuam com grandes problemas que muitas vezes são difíceis de resolver. Mesmo em férias, vamos fazendo as nossas visitas e verificamos que têm cada vez mais carências. Mas, com a vossa ajuda e a graça de Deus, vamos continuando e abraçando o exemplo de Pai Américo, que nunca nos abandonou. Lembramos a todos os seus filhos e amigos que em 23 de Outubro passa mais um aniversário do seu nascimento. É um lindo dia para todos nós.

RECEBEMOS — J. R. D., duas vezes 2.000\$00. M. M., dois vales de 10.000\$00. Um amigo, de Castelo Branco, 8.000\$00. Cheque de 5.000\$00, de uma anónima com uma linda carta. «Peço uma oração pela minha saúde», de uma nossa amiga com 10.000\$00. Maria de Belém, 5.000\$00. Assinante 22030, 5.000\$00. «Pelas almas do Purgatório, continuem com o vosso grande trabalho, que Deus vos recompensará» e com «um abraço amigo», da assinante 59423, 1.000\$00, «Em memória da minha mãe», vale de 15.000\$00, de Lisboa. Assinante 33275, 20.000\$00, contribuição para os meses de Junho, Julho e Agosto. Da professora amiga, de Coimbra, 1.500\$00. Um muito abrigado para a nossa amiga de Fiães que nunca se esquece de nós.

Anónimo, de Famalicão, 10.000\$00. Vila Nova de Gaia, 20.000\$00 do sr. Fontes. «Peço uma oração para que a neta consiga entrada na Universidade», 40.000\$00. Aqui vai também o nosso agradecimento à Farmácia Falcão e a todos aqueles que querem anonimato. Que Deus vos pague. Bem haja.

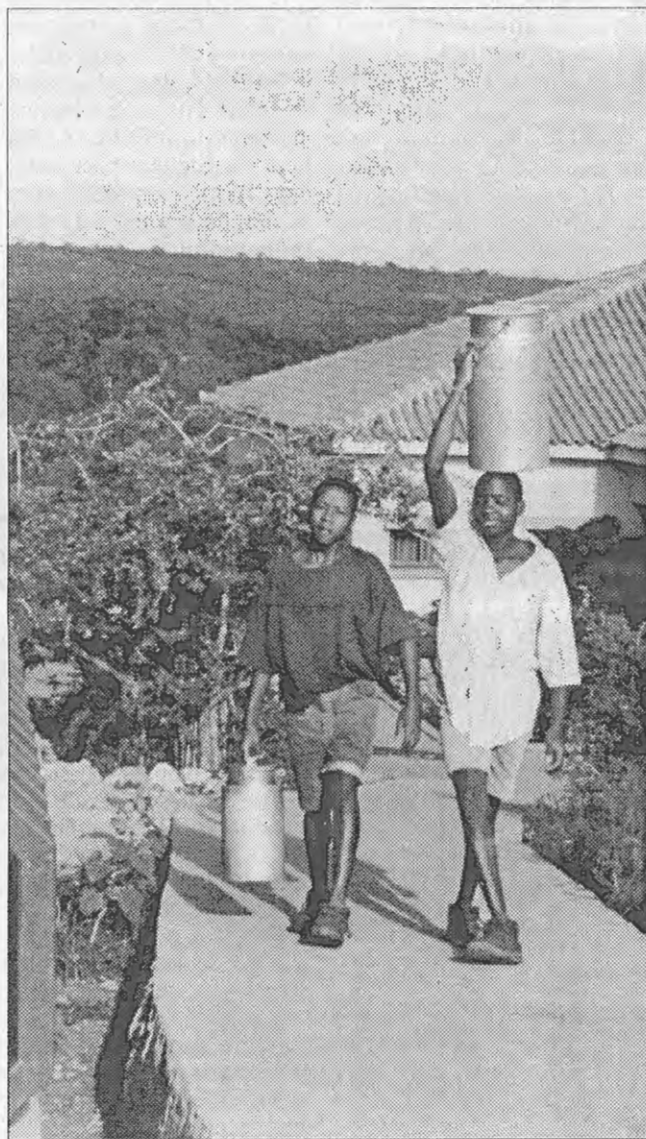
Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Maria Germana e Augusto

PENSAMENTO

Não se me dá que me chames cruel ou que desmereça na tua opinião. Por nada do mundo quero ser usurpador. A caridade é bem ordenada; caminha a par, sim, mas não tira a vez à justiça. De que vale matar a fome, se fica a imoralidade de pé? Ora aí tens.

PAI AMÉRICO



Casa do Gaiato de Maputo — Curiosamente, o serviço diário de transporte de leite para a cozinha é idêntico em todas as nossas Casas!

BENGUELA

Projectos à medida do povo que servimos

OS nossos projectos são pequenos. São à medida do povo a quem servimos. Os meios, ao nosso alcance, são pobres também. Por isso mesmo acreditamos na sua eficácia. Deus serve-Se dos meios pobres para realizar os Seus planos. São felizes e ajudam os outros a ser felizes — os pobres de coração. A Obra da Rua dá testemunho de que assim é.

Aconteceu-nos, pelo menos uma vez, apresentar um projecto a uma Organização internacional e foi chumbado porque era pequeno demais e não dava nas vistas. Resolvia o problema dumhas centenas de crianças mas não atingia a quantidade de dólares suficiente para ser considerado. Podíamos mentir, mas preferimos a verdade e ficámos livres.

A história do dinheiro de muitos projectos pode ser comparada à da água que cai na areia e não deixa rastros.

Doutra vez, a pedido dum amigo muito interessado pela nossa Casa do Gaiato, novo projecto foi feito, ligado à resolução de alguns problemas nas oficinas. Era pequenino, mas resultou porque o advogado desta iniciativa tinha um coração pobre e conhecia-nos muito bem. Ajuda eficaz e de resultados à vista, porque à medida das nossas necessidades.

Há coisas pequeninas que encham a nossa Casa e dão para repartir. Há poucos dias, um bom Amigo que trabalha na AMI, chegou de Lisboa e a sua «primeira ocupação foi verificar a existência de medicamentos e vi que lhe podia mandar 2 kits que lhe podem fazer

muito proveito». Escreveu de Luanda. Senti-me feliz. O problema da falta de medicamentos é grave. Dão para nós e para os que nos procuram. Ajudam a resolver alguns problemas reais.

Estamos com grande falta de milho para a alimentação humana. Ele é a base. Consumimos e fazemos consumir mais de duas centenas de toneladas por ano. Buscamos também o que é impróprio para consumo humano a fim de fazermos uma ração pobre para as vacas leiteiras, já que não há outra. Por estes dias chegou um grupo de Leigos, vindo de Lisboa, e trouxe a quantidade necessária

que dá para comprar, onde houver, o milho preciso para algum tempo. Coisas pequeninas, aparentemente normais, que trazem a marca do extraordinário. É deste modo que fazemos a nossa vida. Os grandes projectos também são necessários para quem se der bem com eles. Nós, não. Fazemos conforme podemos.

Por ocasião dum visita importante a nossa Casa, um dos membros da comitiva, ao ver o que estamos a fazer, pergunta, à queima-roupa, se a Comunidade Europeia está a ajudar-nos. Respondi que não. Perante o seu espanto, acrescentei

que a grande ajuda nos vem do povo anónimo, de todas as classes sociais, desde o princípio da Obra da Rua.

Terminada a construção do novo edifício escolar, queremos lançar mão a nova obra. Será parte residencial e parte para apoio à escola. E é nosso desejo, se não houver impedimento, começar quanto antes. Não temos os meios materiais em nossas mãos. Aqui, o povo come-nos todo e tudo.

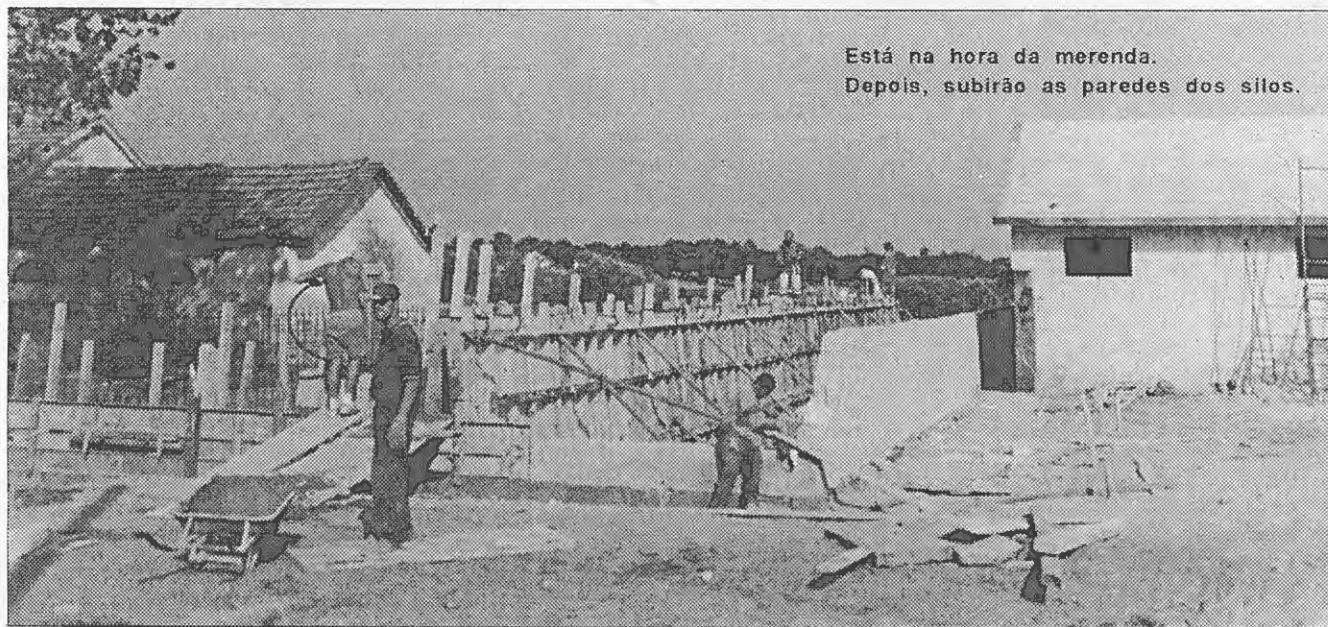
O fruto do nosso trabalho é gotinha d'água que não dá para refrescar a língua. Também não é nossa intenção apresentar qualquer projecto a alguma Organização. Não é nossa vocação.

Apresentamos, sim, este projecto a todos vós que nos acompanhais desde a primeira hora. Com ele servimos melhor as crianças desta terra. Com muita gratidão.

Padre Manuel António



Trabalho agrícola na Casa do Gaiato de Benguela.



Está na hora da merenda. Depois, subirão as paredes dos silos.

VISTAS DE DENTRO

Trabalho maravilhoso para educar a generosidade dos Rapazes

Avacaria, o viteleiro, a ordenha e a sala de recolha do leite são insuficientes, acanhados e envelhecidos. Os novos tempos trouxeram instalações e mecanismos modernos que atraem a nossa ansiedade, sobretudo a dos Rapazes, e levam-nos a caminhar em frente e por outros caminhos para o futuro.

Chegámos à conclusão de que a quinta adjacente a esta nossa Casa produzirá excelentes pastagens e forragens e tudo o que seja do ramo horticola. A nossa vacaria e sua exploração, já há anos, é prova evidente disto mesmo. Também as dezenas de toneladas de tomate, anualmente cultivado, colhido e transportado para a fábrica têm sido um forte apoio em nossa economia caseira.

Há muito ansiávamos e, agora, pusemos mãos à obra. Vamos construir nova vacaria com novos silos e outros

complementares. Vamos apetrechá-la com nova maquinaria e acessórios. Entendemos ter capacidade para oitenta vacas leiteiras e respectivo viteleiro. Não podemos estagnar.

Neste momento estamos a construir os silos. São três e com grande capacidade. Os Rapazes mais velhos, nos últimos dias de férias, agarraram-se com coragem às betoneiras, aos carros de mão e aos baldes. Ei-los num vai-vem. Mesmo que tenham que entrar pela noite dentro, ninguém arreda pé! Na próxima semana começaremos a ensilar o milho e as aulas vão começar.

Este quadro de movimento levou um dos mais velhos a desabafar: — *Trabalho maravilhoso para educar a generosidade dos Rapazes!*

Padre Horácio

TRIBUNA DE COIMBRA

Em nossa Casa há alegria!

OMário é um recém-chegado do Alto Ribatejo. Com as regionalizações, já não sei se ainda assim se chama.

Antes dele vieram outros três do mesmo «Alto». Famílias diferentes, problemas comuns: abandono ou incapacidade dos pais, receio por parte dos familiares mais próximos em os acolher e por eles se responsabilizar, deficiências graves de habitação, absentismo escolar, etc.

Eles, o que são as crianças aqui, agora e sempre: um Dom de Deus à Família e à Sociedade. Delas não se pode dizer mais e melhor. Acolhê-las, defendê-las, orientá-las para os verdadeiros valores — a mais nobre missão de qualquer educador.

Entre nós sentem-se logo em família. Somos uma grande família! Há modelos de relação fraterna para todos os feitos. E a empatia é gratuita. Não regateiam o pão da nossa mesa; o horário da escola e até dos pequenos trabalhos e obrigações a tempo e horas. Um ou outro não sabe rezar nem benzer-se. Quando os outros o fazem, fica surpreendido. Em breve saberá.

São crianças, uma prenda de Deus às famílias e aos lares. Faz-nos impressão a alegria da nossa Casa em contraste com a monotonia de certas delas que visitamos sem filhos. Às vezes são «palácios» muito vistosos. Falta lá dentro a maior beleza: as crianças, os filhos.

Em nossa Casa há alegria de manhã à noite. Há vida. As crianças são portadoras de vida e de esperança.

Elas são também o tormento dos pais. É talvez esse tormento, transformado em medo, que leva muitos pais a evitá-los, insensatamente. O perigo da droga, a insegurança nas escolas e nas ruas, as «más» companhias são razões que fazem pensar...

Por outro lado se apreciarmos a mediocridade de tantas mensagens educativas, embaladas na «crista da onda», tidas por progressistas e sem tabus — quantas vezes até financiadas pelos próprios poderes instituídos — em contraste com a mensagem familiar feita, o mais das vezes, de renúncia e sacrifício, mas tida como retrógrada e obsoleta, encontramos aí algumas razões para este estaque das fontes de vida.

Que bom seria que todas as famílias pudessem ter os seus filhos, a sua casa, o seu jardim! Tempo sério para crescer, para amadurecer e envelhecer com verdadeira sabedoria e transmiti-la como um tesouro!

Não está a ser assim, não! E, por isso, vamos empobrecendo, contrariamente aos discursos «estrelados» que tantas vezes ouvimos.

Quando olho prò nosso Mário e vejo os seus olhos cheios de vida e esperança, tenho pena da terra donde veio. É que a esperança veio com ele. É o que vale.

Padre João



Casa do Gaiato — Santo Antão do Tojal (Loures).

ENCONTROS em Lisboa

Escolaridade e entrada no mundo do trabalho

A vivência de acontecimentos sucessivos levaram-me a concluir que os meus miúdos chegam sempre atrasados à vida e eu fico com o amargo de boca de constatar esse facto. Valha-nos, nestas coisas, o provérbio: «Vale mais tarde do que nunca!» Entretanto, o nosso povo atirou para a frente um outro ditado de pendor bastante pessimista, que eu, constantemente, peço ao Autor da Vida que não se realize com aqueles que Deus me deu: «O que nasce torto, tarde ou nunca se endireita».

Expliquemo-nos e falemos apenas de dois aspectos: a escolaridade e a entrada no mundo do trabalho.

Há dias, uma família apresentava-me os seus filhos. Um tinha dez anos e eu era informado de que ia entrar no 5.º ano de escolaridade, 5.ª classe, ou, se preferirem, primeiro ano do 2.º ciclo do ensino básico (quando se trata de ensino, quanto mais complicado melhor para se ter a ilusão de grande inteligência)... Olhei para o menino e, por uns segundos, deixei passar, diante dos olhos, os meus miúdos. Tive que me render à evidência: aos dez anos começam, quase invariavelmente, os meus a escolaridade. Nesses dias tinha recebido um rapaz de doze anos que se apresentava como estando na 4.ª classe. Feita uma avaliação sumária, concluiu-se que os seus saberes escolares andariam por uma segunda. Não admira pois que aos 14, 15 anos eles continuem ainda à procura de completar o 6.º ano e, depois, aos 17 ou 18 anos andem, empurrados, a ver se terminam o 9.º ano. Naturalmente que a Escola pode dizer que já não estão dentro da escolaridade normal — obrigatória: chegaram atrasados. A Escola pode dizer que já não têm direito a subsídios e a transportes: chegaram atrasados. Os miúdos podem reclamar que os programas

e o ritmo escolar não se lhes adapta: chegaram atrasados. Os miúdos podem também não achar graça nenhuma em se adaptarem ao sistema escolar: chegaram atrasados. Tudo isso é normal. O que acontece é que os meus miúdos vieram de «outro mundo». Com eles, muitos outros que nós não acolhemos nem têm ninguém a velar por eles. Chegam atrasados, quando chegam.

Vamos ao segundo aspecto. Solicitam-me, muitas vezes, aprendizes. Acontece que este pequeno nome «aprendiz» tem forma legal e, então, vêm as condicionantes: menos de 18 anos e o 9.º ano... Mais uma vez os meus chegam atrasados. A regra aqui em Casa é a seguinte: com 18 anos já se terá o 9.º ano, com menos idade é excepção. Assim, os que têm habilitações para serem aprendizes já não podem ser aprendizes porque ultrapassaram a idade. Os que têm idade não podem ser aprendizes porque lhes faltam habilitações... Resta-me a alternativa: começarem todos por ser «mestres»! Estou convicto que muitos seriam «mestres» de grandes saberes em sociedades de grandes expedientes, nas sociedades marginais à nossa. Na nossa sociedade de tantos direitos, leis e garantias, os meus miúdos chegam atrasados.

Perguntam-me, por vezes, porque não escrevo. Muitas razões haverá, entre as quais não ser muito o meu jeito. Também me acontece estar cansado dos atrasos a que os meus miúdos chegam à vida normal. Com eles, muitos homens meus contemporâneos. Dói-me, sobremaneira, todos aqueles que nunca chegam e acabam por apodrecer por aí, desconhecendo-se homens e desconhecendo que Deus os ama. A sociedade que és tu e sou eu cortou com eles e eles perderam-se no caminho.

Padre Manuel Cristóvão

Continuação da página 1

Não é só do confronto com a «miséria criada pelo homem» que se queixa o autor desta carta; mas também de «burocracia que a alimenta». Alimenta..., entretém as misérias que os homens criam.

É verdade que ao nível de agentes da Polícia, exactamente porque eles andam a rés dos problemas na sua realidade, nós temos encontrado, várias vezes, sensibilidades como a que este revela. Só que eles quase não têm poder e se desmotivam pela falta de sequência nas instâncias a que têm de subir onde a burocracia impera e os critérios se

Uma carta

bebem dos Códigos tantas vezes distanciados da vida real.

Será isso — porque falham tantas iniciativas no sentido da reinserção social, nomeadamente no mundo dos menores «em risco» — o que, recentemente, levou o Provedor de Justiça a recomendar ao Instituto respectivo uma reavaliação das actuações oficiais, sugerindo mesmo, no seu relatório, medidas concretas, as quais (se bem entendi) se

enquadram sobretudo numa procura diligente de vocacionados para trabalhar nestas áreas e de uma maior elasticidade permitida à sua acção que se quer calorosa de afecto mas firme. Quem dera que esta recomendação seja escutada e surta efeitos.

Ao nosso correspondente que inspirou estas considerações, um pai de família cristão, resta-me pedir-lhe que inclua na sua oração matinal uma prece por esta «Oficina de Homens», como ele chama à Casa do Gaiato, e bem!, de acordo com o objectivo fundamental de Pai Américo: «Fazer de cada rapaz um Homem».

Padre Carlos

DOCTRINA

A educação da Criança, como das plantas, tem de ser feita em terreno adequado.



NÃO sei se já te disseram que o Inverno, este ano, vem na data e na forma do costume, porquanto os cataclismos sociais não alteram o andar dos tempos nem o rosto das estações; e como estamos muito perto dele, eu desejo e peço que, assim como nos mais, também neste me ofereças agasalhos para os Pobres, nomeadamente para os incolas da Casa do Gaiato, os quais, sendo felizes, nem por isso deixam de ser indigentes.

COMO o jornal vai longe e muitos são os que o esperam, eu quero que vejas e escutes através desta notícia; que toques com os teus próprios dedos estas linhas de amor e me ajudes a suprir as faltas padecentes; e espero, na volta. Nós somos actualmente vinte e cinco, na Casa do Gaiato. Não posso receber mais, que a Obra não comporta e é pena! Talvez sejas conhecedor de uma quinta adequada onde a gente possa instalar trezentos garotos em perigo. Se souberes, fala, por favor.

TEM-SE levantado a voz nos jornais de Portugal, a denunciar a Criança abandonada, às chusmas, por toda a parte. É verdade tudo quanto ali se diz a esse respeito; e não se diz nunca o bastante, por escapar à nossa observação o maior de todos os males — a ruína das almas que é péssima, porque elas são óptimas. Ora como a quinta que serve a Obra da Rua (em Miranda do Corvo) é muito limitada, daí vem a urgência de procurar outra maior que se chame e seja, de facto, a primeira Aldeia de Rapazes na nossa terra. Sim; se sabes, fala. A hora dos verdadeiros triunfadores vem depois da guerra, que são justamente aqueles que se ocuparem, com devoção, da sorte dos pequeninos sem lar. Eu já ando na lida, mas quero mais rede. A intuição é um instinto. A gente dá no vinte sem querer. Dizem que eu aprendi do Padre Flannagan aquilo que faço a bem dos garotos. Quando ouvi o nome dele pela primeira vez, já a Obra da Rua tinha os dentes do ciço! A intuição brota. Se hoje nos correspondemos, é por simpatia e mais nada.

VOU-TE dizer aqui como eu vejo a Aldeia dos Rapazes, sem receio de que me leves a palma ou roubes a patente; não. Se amas, és bem-vindo. Se não, embora venhas, não fazes coisa nenhuma. Vejo uma grande quinta murada, bosques, água, pastagens, chão de cultura. Casas de luz e ar para famílias de vinte. Escolas. Igreja. Ruas para oficinas. Trabalho. Brio. Independência. Responsabilidade. O Rapaz. Para o Rapaz. Pelo Rapaz. O funcionário clássico não tem lugar na Aldeia. Não há ninhos nem cunhas nem o suspirado fim-de-mês — nem sindicâncias!

Ai, não deites no cesto do lixo a Obra de hoje, que ela é fonte de preciosa informação e chave do mais difícil problema social! Não deites e deixa entrar o sol. Não faças como o outro que não se quis lavar no Jordão e ficar

curado da lepra, por lhe parecer demasiado simples a cura. Há muito boa gente que não acredita na eficácia que provém da natureza das coisas, por ser clara e simples demais. Não. Ama-se de preferência o complexo, o extravagante, o catita.

A pequenina comunidade da Casa do Gaiato é uma demonstração de quanto podem os Rapazes, por si mesmos, em Obras suas, simples como eles. Chegou no mês de Julho um vadio de onze anos; andavam os pequenos ocupados, então, com a colheita da batata. O vadio não quer trabalhar e deita-se à sombra, regalado. Passam os companheiros com cestos à cabeça: — *O coiso, vem daí!* Mas ele não. À mesa, um deles levanta a voz: — *Tu comes e não trabalhas?! A merenda desse dia é de pão com mel, por amor do trabalho árduo da batata. O pequenino Mestre agora mais incisivo: — Tu comes mel feito do trabalho das abelhas e não trabalhas?! Segunda e última lição: o vadio de ontem é hoje o primeiro trabalhador! Outros têm-se corrigido por outros caminhos. — Olha o come-e-dorme! — foi o remédio mai-la cura dum vadio entrado depois daquele. Mas não. Vêm de longe e tais raízes lançaram os métodos de levar a Criança abandonada, que resistem à luz da evidência. Não há nada como o uniforme, as paradas, a vigilância, o papel selado, o despacho superior — a santa rotine!*

TIVEMOS a semana passada, no meio de nós, um sacerdote artista que veio tirar a planta da nossa futura capela, por obséquio. A do povo, perto da Casa, não serve. Alguém de Coimbra ofereceu um altar de pedra e nós vamos começar a obra dentro de poucos meses. Capela piedosa, proporcionada, erguida ao Céu. Nós queremos pôr todo o esmero nos paramentos, nos linhos, na cera, no decore que diz respeito à Casa de Deus, sabendo que nada do que serve ao culto é insignificante. Nós acreditamos no Altar como único centro de toda a educação séria, duradoira e construtiva. É impossível que a Missa, celebrada com fé e presença numa capela assim, não seja a réplica da Palavra de Jesus: «Deixai vir esses pequeninos até Mim». Por isso tenho pressa de construir.

UMA senhora da América ofereceu ao Padre Flannagan a igreja das novas instalações; vi-a, há dias, na fita que aí passou. Quem será o ou a feliz de Portugal que vai oferecer a capela aos gaiatos da Obra da Rua? O sacerdote deixou ficar a maqueta, em barro, da capela. Eu não estava quando ele esteve, mas à minha chegada foi a malta ao meu encontro: — *Venha ver a nossa igreja!* Quanto gostei eu de ouvir aquele «nossa igreja» da boca deles! Se tudo na Casa lhes pertence, quanto mais a capela! — *Olhe que linda!* Mas eles aplicam o pronome *nosso*, adoravelmente, na linguagem de todos os dias. A um deles que foi a Coimbra aviar recados e me encontrou na rua, ouvi eu um «compre aquilo para a nossa Casa», ao pé duma loja de ferragens. É o meio familiar, a força da verdade, a lei da Natureza. Tudo o que não for assim, é negócio.

D. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)